

Ministério da Cultura, Banco do Brasil e
BB Asset apresentam

A.R.L.

VIDA E OBRA

A ARTE BRUTA DE
ANTÔNIO ROSENO
DE LIMA

CURADORIA: GERALDO PORTO

**26/06 A
19.08.24**

CCBB SÃO PAULO

L



ENTRADA GRATUITA

Ingressos em bb.com.br/cultura e na bilheteria do CCBB

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Álvares Penteado, 112 – Centro Histórico – SP

Anexo CCBB

Rua da Quitanda, 80 – Centro Histórico – SP

Próximo à estação São Bento do Metrô

Informações: +55 11 4297-0600

Aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças.

Estacionamento conveniado: Rua da Consolação, 228, com traslado gratuito até o CCBB. Parada no Metrô República no trajeto de volta. Consulte horário de funcionamento em nossas redes sociais. R\$ 14 pelo período de 6 horas (necessário validar o ticket na bilheteria do CCBB).

PATROCÍNIO

BB Asset e Banco do Brasil

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura

Centro Cultural Banco do Brasil

CURADORIA

Geraldo Porto

DIREÇÃO GERAL

Quanta Cultura

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Maíra Gama

PRODUÇÃO EXECUTIVA


Joana Germani

IDENTIDADE VISUAL

Gaia Propaganda

PROJETO EXPOGRÁFICO

Nathan Zeitouni




Banco do Brasil e BB Asset, líder em fundos de investimento no país, apresentam e patrocinam A.R.L. Vida e Obra, exposição do artista potiguar Antônio Roseno de Lima, reconhecido como expoente da arte bruta brasileira.

A.R.L., como assinava em suas obras, deixou sua cidade natal Alexandria (RN), em 1926, fugindo da seca. Morou na favela Três Marias, em Campinas (SP), até a sua morte, em junho de 1998. Colorindo seu barraco com obras comoventes, que partiam de materiais precários, em sua maioria encontrados no lixo, o artista expressava alguns de seus sonhos em suas pinturas: a casa bonita, colorida, com luz elétrica, o prédio moderno e a fábrica onde almejava trabalhar.

Apesar da extrema pobreza e falta de reconhecimento, Roseno encontrava espaço para se expressar e sonhar de forma livre, autêntica, criativa e surpreendente. Sua identidade artística é forte, baseada em cores vivas e chapadas. A curadoria da exposição é de Geraldo Porto, artista plástico e professor doutor do Instituto de Artes da UNICAMP.

Ao patrocinar este projeto, o Banco do Brasil e a BB Asset reafirmam o seu apoio às artes plásticas e à brasilidade, além de valorizar projetos que promovam trocas significativas com o público e ofereçam caminhos para compreender a construção contemporânea de identidades.

Centro Cultural Banco do Brasil



Banco do Brasil and BB Asset, leader in investment funds in the country, present and sponsor A.R.L. Life and Work, an exhibition of the artist from Rio Grande do Norte, Antônio Roseno de Lima, recognized as a prominent figure in Brazilian outsider art.

A.R.L., as he signed his works, left his hometown Alexandria (RN) in 1926, fleeing from drought. He lived in the Three Marias favela in Campinas (SP) until his death in June 1998. Coloring his shack with heart-touching works, created from precarious materials, mostly found in the garbage, the artist expressed some of his dreams in his paintings: the beautiful, colorful house with electric light, the modern building, and the factory where he aspired to work.

Despite extreme poverty and lack of recognition, Roseno found space to express himself and dream in a free, authentic, creative, and astonishing way. His artistic identity is strong, based on vibrant and solid colors. The exhibition is curated by Geraldo Porto, a visual artist and Ph.D. professor at the Arts Institute at UNICAMP.

By sponsoring this project, Banco do Brasil and BB Asset reaffirm their support of the visual arts and Brazilian culture, valuing projects that promote meaningful exchanges with the public and offer pathways to understand the contemporary construction of identities.

Centro Cultural Banco do Brasil

"QUEM PEGAR ESSE DESENHO GUARDE COM CARINHO."

A busca pela beleza é humana, moderna e eterna. Eu a encontrei na favela Três Marias, num barraco feito de lixo. Descobri-a numa pintura de esmalte sintético brilhante sobre lata de óleo. O autor dela era Antônio Roseno de Lima (na época com 65 anos de idade), nordestino analfabeto, doceiro da Estação da Luz, fotógrafo, pintor, diabético que "sofria dos nervos" e sorria feito criança.

Roseno era um choque. Significava a possibilidade da arte. Mais: a possibilidade da pintura. Residente sobrevivência. Pintura crua, bruta, original. Poesia no lixo. Lixo poético. Parecia impossível imaginar que, na extrema pobreza, alguém se sentiria compelido a produzir alguma coisa que não fosse a busca da sobrevivência. Entretanto, Roseno partia de um ponto zero da emoção frente à beleza, "fundando" seus trabalhos pela necessidade de estabelecer uma relação prazerosa com o mundo.

Sua força primitiva e selvagem preenchia um vácuo no círculo artístico, em que a arte moderna virava instituição, academicizava-se. Ele tinha uma liberdade de fazer o que quisesse que ninguém tinha; inventando e tentando, esse artista brasileiro procurou no lixo a matéria de sua poesia.

O encontro com Roseno transformou-se, para mim, numa oportunidade para refletir sobre a arte e os artistas e, antes de se constituir numa pesquisa

acadêmica, proporcionou-me o encontro com uma nova realidade: a dura vida de um artista brasileiro pobre, cujos olhos sempre brilhavam, emocionados até as lágrimas, por seu miserável e triste cotidiano, sua trágica criação artística, sua inocente pintura, sua solidão, seus gatos e suas fantasias. Eu proporcionei a ele o reconhecimento público, a admiração e o respeito pelo seu trabalho.

"Queria ser um passarinho para conhecer o mundo inteiro!", "Sou um homem muito inteligente!" Tais frases, constantes na arte de Roseno, tocaram a mídia paulistana e lhe proporcionaram quinze minutos de fama nos anos 1990. Nenhum outro artista plástico do interior logrou tal efeito. Os quinze minutos se passaram, mas a emoção de se conhecer um artista singular (de pura, crua e comovente linguagem) permanece. E é luxo só.

Geraldo Porto, artista plástico, professor doutor do Instituto de Artes – UNICAMP, curador de A.R.L. Vida e Obra e colecionador das obras de Antônio Roseno de Lima.



"WHOEVER GETS THIS DRAWING, HOLD ONTO IT WITH CARE."

The pursuit of beauty is human, modern, and eternal. I found it in the Três Marias favela, in a shack made of trash. I discovered it in a painting made with shiny synthetic enamel on an oil can. Its author was Antônio Roseno de Lima (65 years old at the time), an illiterate Northeasterner, candy vendor at Luz Station, photographer, painter, diabetic who "suffered from nerves" and smiled like a child.

Roseno was a shock. He represented the possibility of art. More than that: the possibility of painting. Resident survival. Raw, rough, original painting. Poetry in the trash. Poetic trash. It seemed impossible to imagine that, in extreme poverty, someone would feel compelled to produce something other than the pursuit of survival. However, Roseno would start off from the ground zero of emotion in the face of beauty, "founding" his works out of the need to establish a pleasurable relationship with the world.

His primitive and wild strength filled a void in the artistic circle, where modern art was becoming an institution, academizing itself. He had a freedom to do whatever he wanted that no one else had; inventing and trying, this Brazilian artist sought in the trash the material for his poetry.

The encounter with Roseno turned into, for me, an opportunity to reflect on art and artists and, before

becoming an academic research, provided me with an encounter with a new reality: the harsh life of a poor Brazilian artist, whose eyes always sparkled, moved to tears, by his miserable and sad daily life, his tragic artistic creation, his innocent painting, his loneliness, his cats, and his fantasies. I provided him with public recognition, admiration, and respect for his work.

"I wanted to be a bird to know the whole world!", "I am a very intelligent man!" Such phrases, constant in Roseno's art, touched the media in São Paulo and gave him fifteen minutes of fame in the 1990s. No other visual artist from the interior achieved such an effect. The fifteen minutes have passed, but the emotion of meeting an unique artist (of a pure, raw, and touching language) remains. And it's a luxury.

Geraldo Porto, visual artist, PhD professor at the Art Institute - UNICAMP, curator of A.R.L. Life and Work, and collector of the works of Antônio Roseno de Lima.



ANTÔNIO ROSENO DE LIMA NASCEU EM ALEXANDRIA, RIO GRANDE DO NORTE, EM 1926.

De sua cidade natal, como tantos outros, foi para o centro-sul do Brasil fugindo da seca e jamais fez o caminho de volta. Veio para São Paulo deixando mulher e cinco filhos, sonhando em trabalhar e ganhar muito dinheiro.

Em 1961, aos 35 anos de idade, fez um curso de fotografia e passou a exercer o ofício registrando o cotidiano de crianças – além de aniversários e casamentos – e as fotos logo ganharam as nuances de seus traços.

Mudou-se para a favela Três Marias (Campinas) em 1976 e viveu ali até a sua morte, em junho de 1998. Em um barraco miserável, pintava em cima de uma mesa abarrotada de papéis e objetos, onde também comia e contava o dinheiro que recebia das crianças da favela em troca de doces.

Tinha compulsão pelo registro de seu cotidiano em tudo que poderia ser utilizado, trabalhando em séries nas quais repetia a mesma figura inúmeras vezes, usando sempre materiais precários: pedaços de latas retirados dos entulhos, papelões, madeira, esmalte sintético das sobras das latas utilizadas para pintar portas e janelas encontradas no lixo. Sua obra contém códigos que permeiam todo o processo

criativo, em um minucioso exercício artesanal, com destaque para a assinatura A.R.L., tão cara a um artista semianalfabeto.

Mesmo com o apadrinhamento do professor Geraldo Porto, participou de poucas exposições, sendo a primeira individual na Casa Triângulo (São Paulo) em 1991, seguida pela coletiva *A pintura em Campinas: o contemporâneo* no Centro de Informática e Cultura, em 1992. Ainda fez uma individual na *Cavin Morris Gallery* em Nova Iorque, em 1995.

Uma faxina para afugentar ratos e baratas de seu barraco fez com que pelo menos 500 de suas obras fossem parar no caminhão de lixo. Ainda assim, uma grande coleção das suas melhores fotografias está hoje no Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas e suas pinturas entraram no acervo de importantes museus, como a famosa *Collection de l'Art Brut*, de Lausanne, Suíça e o *Museu Haus Cajeth*, em Heidelberg, na Alemanha.


ANTÔNIO ROSENO DE LIMA WAS BORN IN ALEXANDRIA, RIO GRANDE DO NORTE, IN 1926.

Like many others, he left his hometown for the center-south of Brazil to escape the drought and never returned. He came to São Paulo, leaving behind his wife and five children, dreaming of working and earning a lot of money.

In 1961, at the age of 35, he took a photography course and started practicing the craft by capturing the everyday lives of children, as well as birthdays and weddings. His photos soon acquired the nuances of his artistic style.

He moved to the Três Marias favela (Campinas) in 1976 and lived there until his death in June 1998. In a miserable shack, he painted on a table cluttered with papers and objects, where he also ate and counted the money he received from the favela children in exchange for sweets.

He had the compulsion to document his daily life in everything that could be used, working on series where he would repeat the same figure countless times, always using precarious materials: pieces of cans taken from debris, cardboard, wood, leftover synthetic enamel from cans used to paint doors and windows found in the trash. His work contains codes that permeate the entire creative process, in



a meticulous handmade exercise, with a prominent feature being the signature A.R.L., so dear to a semiliterate artist.

*Even with the sponsorship of Professor Geraldo Porto, he participated in few exhibitions, with the first solo show at Casa Triângulo (São Paulo) in 1991, followed by the group exhibition *A pintura em Campinas: o contemporâneo* at the Centro de Informática e Cultura in 1992. He also had a solo exhibition at Cavin Morris Gallery in New York in 1995.*

A cleanup to drive away rats and cockroaches from his shack resulted in at least 500 of his works ending up in the garbage truck. Nevertheless, a large collection of his best photographs is now in the Memory Center of the State University of Campinas, and his paintings have entered the collections of important museums, such as the famous Collection de l'Art Brut in Lausanne, Switzerland, and the Haus Cajeth Museum in Heidelberg, Germany.



BÊBADO COM CIGARRO I, 1986
DRUNK MAN WITH CIGARETTE I
Tinta e caneta sobre papel cartão
Paint and pen on cardboard | 15x21cm

O BÊBADO

A série *O Bêbado* foi a primeira guardada por A.R.L. e o projetou internacionalmente como artista, pois estampa livros importantes como *L'art Brut*, de Lucienne Peiry. Iniciada em 1975, inspirou-se em uma gravura de bares com o rosto de olhos embaralhados e alucinado pela bebida. Nela, está uma forte marca da obra do artista: cores chapadas (feitas com esmalte sintético puro, sem meios-tons ou efeito de claro-escuro), assim como o uso de palavras. Roseno era semianalfabeto; as palavras eram parte de sua expressão poética, como uma espécie de signos herméticos, expostos respeitando a anterioridade das figuras e evidenciando desconhecimento de regras gramaticais. Apresentado por jornais como favelado, semianalfabeto e doente, A.R.L. reagiu a tais rótulos escrevendo em vários quadros, em letras garrafais: "sou um homem muito inteligente".

THE DRUNK MAN

The series "The Drunk Man" was the first one kept by A.R.L. and projected him internationally as an artist, since it features in important books such as "L'art Brut" by Lucienne Peiry. Initiated in 1975, it was inspired by an engraving found in bars of a face with blurred eyes and hallucinated due to alcohol. It bears a strong mark of the artist's work: solid colors (made with pure synthetic enamel, without halftones or light-dark effects), as well as the use of words. Roseno was semiliterate; words were part of his poetic expression, as a kind of hermetic signs, displayed respecting the precedence of the figures and highlighting a lack of knowledge of grammatical rules. Described by newspapers as a slum dweller, semiliterate, and sick, A.R.L. reacted to such labels by writing on various canvases, in large letters: "I am a very intelligent man."



EDIFÍCIO SÃO PAULO, sem data
SÃO PAULO BUILDING, undated
Tinta e caneta sobre papel cartão
Paint and paper on cardboard | 34x39cm

RECORTES DA CIDADE

Muitas das aspirações de A.R.L. foram vividas apenas em sua imaginação e concretizadas em pinturas, nas quais criou a casa bonita, colorida, com luz elétrica, o prédio moderno e a fábrica onde almejou trabalhar. O dinheiro, elemento da arte gráfica, aparece na obra de Roseno; notas fora de circulação estampavam, paradoxalmente, as paredes de seu barraco numa espécie de brincadeira com o desejo de fama e fortuna: ele presenteava amigos com fotografias, nas quais trocava o busto por fotos suas e da companheira Soledade. A grande curiosidade do artista por idade, data da fundação de cidades, surgimento de invenções como o fósforo, o avião, a máquina de escrever é outro tema. Esse encantamento pela criatividade humana se traduzia na repetição dessas informações em suas pinturas, as quais apresentam outra característica marcante de sua obra: figuras contornadas de preto (um destaque aos fundos chapados em cores fortes) e moldura da pintura também delimitada por uma linha preta fechando o campo da figura.

SELECTIONS FROM THE CITY

Many of A.R.L.'s aspirations were experienced only in his imagination and materialized in paintings, where he created the beautiful, colorful house with electric light, the modern building, and the factory where he aspired to work. Money, an element of graphic art, appears in Roseno's work; out-of-circulation banknotes paradoxically adorned the walls of his shack in a kind of playful gesture towards the desire for fame and fortune: he gifted friends with photographs, replacing the bust with pictures of himself and his companion Soledade. Another theme was the artist's great curiosity about age, the founding date of cities, and the emergence of inventions such as matches, airplanes, and typewriters. This enchantment with human creativity translated into the repetition of these pieces of information in his paintings, which presented another distinctive feature of his work: figures outlined in black (highlighting solid backgrounds filled with strong colors) and the painting frame also delimited by a black line, closing the field of the figure.



GETÚLIO VARGAS, 1990
Tinta sobre placa de metal
Paint on metal sheet | 19x27cm

PRESIDENTES

Na mídia e em uma coleção da Enciclopédia Escolar do Ensino Renovado (garantia dada por um homem que lhe comprou maços de cigarro), A.R.L. buscou inspiração para a sua galeria de notáveis (generalizados sob a categoria Presidentes), na qual retratou Afonso Pena, Nilo Peçanha, Marechal Deodoro, Getúlio Vargas, Almirante Tamandaré, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Atilio Fontana e Santos Dumont, seu maior ídolo (fato relacionado, provavelmente, ao sonho de ser um pássaro e voar por aí). Também aqui se encontra o autorretrato, evidenciando seu desejo de reconhecimento social por figurar ao lado de personalidades. Em todos os quadros, ele anexava um pequeno bilhete, no qual informava materiais, processo de criação, execução, conservação da pintura e arrematava: "Quem pegar esse desenho guarda com carinho. Pode lavar. Só não pode arranhar. Fica para filhos e netos. Tendo zelo atura meio século."

PRESIDENTS

In the media and in a collection of the Renewed Teaching School Encyclopedia (guaranteed by a man who bought him cigarette packs), A.R.L. sought inspiration for his gallery of notable figures (generalized under the category of Presidents), in which he portrayed Afonso Pena, Nilo Peçanha, Marechal Deodoro, Getúlio Vargas, Almirante Tamandaré, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Atilio Fontana, and Santos Dumont, his greatest idol (probably related to the dream of being a bird and flying around). Also present here is the self-portrait, evidencing his desire for social recognition by appearing alongside personalities. In all paintings, he attached a small note, providing information on materials, the creative process, execution, painting preservation, and concluded: "Anyone who takes this drawing, keep it with care. It can be washed. Just don't scratch it. Leave it for children and grandchildren. Handling it with care, it lasts for half a century."



ESPOSA, sem data
WIFE, undated
Foto com interação colorida
Hand-colored photograph | 20x28cm

O FOTÓGRAFO

A fotografia foi uma grande paixão para A.R.L.; quando começou a trabalhar na cidade de São Paulo, tinha um estúdio comercial seu, o qual foi mantido no interior, em Indaiatuba, e referenciado em suas pinturas mesmo depois de fechado por falta de recursos. As poses frontais e estáticas dos retratos pintados eram as mesmas poses paralisadas das fotografias. Ele marcou em pinturas alguns dos temas já fotografados antes, como se pode observar em *O Menino*, por exemplo. Sua assinatura (abreviada ou por extenso) e sua profissão de fotógrafo (seu orgulho) se repetem centenas de vezes em cartolinas restantes das aparas de desenhos, como se bordasse um tecido infinito pela afirmação de seu nome, sua identidade, seu trabalho e sua profissão. Sabia ele que aquele que assina o próprio nome não é mais um analfabeto e aquele que tem uma profissão não é mais um marginal.

THE PHOTOGRAPHER

Photography was a great passion for A.R.L.; when he started working in the city of São Paulo, he had his own commercial studio, which was maintained in the interior, in Indaiatuba, and referenced in his paintings even after it closed due to lack of resources. The frontal and static poses of the painted portraits were the same paralyzed poses from the photographs. He marked in paintings some of the themes previously photographed, as can be seen in "The Boy," for example. His signature (abbreviated or in full) and his profession as a photographer (his pride) were repeated hundreds of times on remaining cardboard scraps from drawing trimmings, as if he were embroidering an infinite fabric by affirming his name, identity, work, and profession. He knew that one who signs his own name is no longer illiterate, and one who has a profession is no longer an outcast.



O GALO É MARIDO DA GALINHA I, sem data
THE ROOSTER IS HEN'S HUSBAND I, undated
 Tinta e caneta sobre papel cartão
 Paint and pen on cardboard | 60x72cm

FRUTOS, FLORES E ANIMAIS

Composições ingênuas de campos floridos (sempre assinados e datados – o dia exato da fundação de um desenho era muito importante) surgiram na obra de A.R.L., quando ele comprou de um camelô um aparelho plástico para desenhar flores. Ademais, animais habitavam o mundo do artista: galos, sapos, cavalos, gatos, cavalos-marinhos, capivaras, onças (objeto de medo e reverência no sertão nordestino, afinal, a história de Roseno era sua fonte); eles eram organizados em pares, casais, famílias com prole e, por meio da palavra, o pintor os vinculava – tal qual em “Boi Marido da Vaca” – como se cada animal dependesse do outro que lhe completa. Na série de onças, o ponto foi usado como figura, representando suas pintas e constituindo um padrão de pontos pretos sobre fundo geralmente branco, modelo decorativo de artistas ditos primitivos e de pinturas indígenas. Em especial nas pinturas de vacas, percebem-se traços “picassianos”. Quando A.R.L. gostava de algum desenho, recortava-o em latas de vários tamanhos para usar de modelo, utilizando-se também de outros materiais como a lã, que ele priorizava em época de frio.

FRUIT, FLOWERS AND ANIMALS

Naive compositions of flower-filled fields (always signed and dated – the exact day of a drawing's foundation was very important) emerged in A.R.L.'s work when he bought a plastic device from a street vendor to draw flowers. In addition, animals inhabited the artist's world: roosters, frogs, horses, cats, seahorses, capybaras, jaguars (object of fear and reverence in the northeastern backlands, after all, Roseno's story was his source); they were organized in pairs, couples, families with offspring, and, through words, the painter linked them – as in “Bull Cow's Husband” – as if each animal depended on the other that completes it. In the jaguar series, the dot was used as a figure, representing its spots and constituting a pattern of black dots on generally a white background, a decorative model of so-called primitive artists and indigenous paintings. Especially in cow paintings, “Picasso-like” traits are noticeable. When A.R.L. liked a drawing, he cut it out into cans of various sizes to use as a model, also using other materials such as wool, which he prioritized in cold weather.



NOIVA, 1973
BRIDE
Tinta e caneta sobre chapa de madeira
Paint and pen on wooden sheet | 44x64cm

MULHERES E SANTAS

Uma imagem sobre a qual o artista também se debruçou foi a mulher. Sereias e Nossa Senhora Aparecida são grandes personagens femininas de Roseno. Ele afirmava: “Nunca tive amor na vida”, fato curioso devido à existência e presença de Soledade – sua companheira por quase 40 anos. Ainda assim, mesmo que brigassem, os dois eram companheiros e amigos, admiravam-se e respeitavam-se. Segundo Soledade, Antônio não bebia, nem fumava e ainda tinha 14 profissões: fazia perfume, brilhantina, pó de arroz, creolina, doce, quadro, colher de pau, gaiola. Além disso, ela se sentia cuidada, pois Roseno nunca lhe comprava um sapato – e sim, no mínimo, três – assim como demonstrava grande alegria quando ela retornava de viagens.

WOMEN AND SAINTS

An image that the artist also focused on was the woman. Mermaids and Our Lady of Aparecida are major female characters in Roseno's work. He stated: "I have never had love in my life," a curious fact given the existence and presence of Soledade – his companion for almost 40 years. Nevertheless, even though they argued, the two were companions and friends who admired and respected each other. According to Soledade, Antônio didn't drink, didn't smoke, and had 14 professions: he made perfume, hair oil, face powder, creolin, candy, paintings, wooden spoons, cages. Moreover, she felt cared for, as Roseno never bought her just one pair of shoes – at least three – and expressed great joy when she returned from trips.



A ARTE BRUTA DE
ANTÔNIO ROSENO
DE LIMA

CURADORIA: GERALDO PORTO

PRODUÇÃO:

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet

QUANTA
- CULTURA -



MINISTÉRIO DA
CULTURA

